

O MITO DO DILÚVIO: NAS OBRAS ATRAHAIS, GILGAMES E BÍBLIA

THE MYTH OF THE FLOOD: in the Works Atrahais, Gilgames and the Bible

COSTA, Guilhermina¹; & RODRIGUES, João Bartolomeu²

Resumo

Com o presente trabalho propomo-nos trazer parte das narrativas sobre a destruição do mundo através da água, transcritas durante o período pré-clássico provavelmente com base em lendas de tradição oral e discutir a existência de vários mitos sobre o Dilúvio ou a intertextualidade nas obras analisadas.

Abstract

With the present work we propose to present a part of the narratives about the destruction of the world by water, transcribed during the pre-classical period, probably based on legends of oral tradition, and to discuss the existence of different myths about the Flood or the intertextuality in the works analysed.

Palavras-chave: *Mito; Dilúvio; Atrahais; Gilgames; Bíblia.*

Key-words: *Myth; Flood; Atrahais; Gilgames; Bible.*

Data de submissão: setembro de 2023 | **Data de publicação:** dezembro 2023.

¹ GUILHERMINA COSTA – Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, PORTUGAL.
Email: 19guilherminacosta@gmail.com

² JOÃO BARTOLOMEU RODRIGUES - Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, PORTUGAL. Email: PORTUGAL. Email: jbarto@utad.pt

CIVILIZAÇÕES PRÉ-CLÁSSICAS

Com interesse para o tema em discussão faremos uma pequena incursão sobre o que foram as civilizações mesopotâmicas e a hebraica, apesar de sobre esta não se poder falar de uma civilização, mas antes de uma comunidade.

A Mesopotâmia

Mesopotâmia como civilização com cultura elevada e refinada. A Mesopotâmia integra o território a que se chama o crescente fértil que ligava a delta do rio Nilo com os deltas dos rios Tigres e Eufrates. A Mesopotâmia ocupava os territórios onde hoje são o Irão, a Síria, o Iraque e países do Golfo Pérsico. Mas fundamentalmente ocupava o território que hoje designamos de Iraque.

Nesta região desenvolveu-se uma civilização a que chamamos pré-clássica. A origem da escrita (cuneiforme), no quatro milénio antes de Cristo, é atribuída aos Sumérios, povo que habitou a região da Mesopotâmia. Drenaram pântanos, construíram cidades organizadas, criaram instrumentos musicais, escreveram poemas, tinham preocupações astrológicas, eram politeístas e teocratas. O rei era o vigário dos deuses. No centro das cidades-estado construía o Zigurate uma torre de degraus semelhante às pirâmides, que era um templo, no período dos Assírios era também o palácio do rei.

Na Mesopotâmia a economia ditou a evolução da escrita fator de progresso revolucionário. As cidades-estados não têm fronteira geográficas, são cidades que têm em si uma tendência natural para estender os limites para além do que é seu e dominarem os arredores. São caracterizadas pela luta interna entre o poder temporal e o poder religioso e outro movimento para o exterior de caráter imperialista, o que justifica a existência de muralhas.

Estas cidades têm tendência para a turbulência, dureza, para a guerra, marcada por uma sucessão de impérios com um alastrar territorial, com o anseio de chegar ao Mediterrâneo. Foi Sargão rei dos Acádios (semitas do norte da Síria) que conseguiu uma unificação da região. Criou o primeiro império da região que ia da Síria ao Golfo Pérsico e até ao Mediterrâneo. É o rei que faz a guerra, mas sempre por motivos religiosos.

Os babilônios (ocupavam a região que hoje é o Iraque) dominaram a Mesopotâmia no período do governo do rei Hamurabi que conquistou as principais cidades e criou um império. É a Hamurabi que é atribuído o primeiro corpo legislativo. Criou um código que regia a vida das comunidades com 281 artigos, escritos em cuneiforme em tijolos de argila que se encontram no museu do Louvre em Paris. Após a sua morte o império desmoronou.

Foi um mundo caracterizado pela guerra. Na época suméria começou a haver recrutamento de homens, já no terceiro milênio a.C., para constituir um exército com cerca de 6600 homens. O primeiro exército organizado com profissionais da guerra foi o do rei Sargão. As guerras eram sempre atribuídas aos deuses, os reis eram eleitos ou escolhidos pelos deuses. Sargão seria filho de uma deusa, numa lenda com paralelo à de Moisés no Egito. No conceito mesopotâmico a guerra era sempre justa, santa porque era uma instituição do estado escolhido pelos deuses. A guerra continha um importante fator económico pelo espólio material e humano na medida em que os derrotados eram transformados em escravo e por isso mão de obra acessível.

Apesar da sucessão de sumérios, acádios e babilônias estamos em presença de uma grande civilização e não de uma justaposição de várias civilizações, pois houve assimilação das culturas (Tavares, 1978).

A Judeia

De acordo com o Antigo Testamento o primeiro líder hebreu foi Abraão, alguns elementos arqueológicos situam-no na Babilonia cerca de ano de 2000 a.C. (Silva, 2008, p. 7), Abraão terá sido um pastor que vivia na cidade de Ur e que foi para Canaã, atual Palestina, onde se fixou. São os doze filhos de Jacob neto de Abraão que vão criar as doze tribos de Israel. Esta comunidade prosperou e desenvolveu-se principalmente com os reis Saul, David e Salomão, ungidos por Deus governavam em seu nome. Muito pela localização do reino, na passagem entre a Mesopotâmia, o Mediterrâneo e o Egito, a atividade comercial dos hebreus desenvolveu-se. A Judeia ou Israel tinha como vizinhos os expansionistas e imperialista povos da Mesopotâmia, os hebreus foram conquistados e escravizados por diversas vezes. Uma delas pelo rei babilónio Nabucodonosor que manteve os hebreus no cativeiro e a Judeia sob administração da Babilonia.

Cosmogonia – mito da criação

Falaremos de mito da criação na acessão da origem do mundo narrado com o intuito de compreender a complexidade de fenómenos, acontecimentos e realidades humanas e mundanas que fogem ao controlo e ao conhecimento do ser humano ou transcendem a sua experiência sensível.

A mitologia, que nalguns dos seus aspectos não está muito afastada da teologia, também é um esforço continuado e, ao mesmo tempo, provisório de descobrir a «presença real», a «incondicionalidade», o «mistério» através – mas sobretudo para além – dos aparatos linguísticos (dogmáticos), axiológicos (éticos), representativo-cultuais (litúrgicos) e convencionais (sociais). (Duch, 1998, p. 41).

Os mitos da criação são antropológicos mesmo quando descrevem a criação de seres não humanos, porque as histórias são narradas no interesse da compreensão do sentido da vida humana.

O mito do dilúvio está intimamente ligado com a perceção que as comunidades pré-clássicas tinham sobre a criação da humanidade, isto é, com o mito da criação dessas civilizações antigas numa narrativa que nos leva do nada ao ser; da indeterminação ao sentido, descrevendo a géneses das coisas e o estabelecimento da ordem.

Nos poemas da Mesopotâmia

Cada cidade-estado tinha o seu deus principal e à volta dele criavam lendas e tradições. Em Nipur o deus criador era Endil e foi ele quem modelou com as próprias mãos o homem.

Na cidade de Eridu a explicação da criação era mais complexa: os deuses Igigi andavam irritados por terem de trabalhar para satisfazer os outros deuses e cuidarem da terra, então a deusa Manu mãe de Enki pediu ao filho para criar os homens para proverem as necessidades dos deuses. E assim decidiram matar um deus para que o seu sangue fosse misturado com o barro e criados os homens.

Trazemos aqui a versão proposta por René Labat, na tradução de parte do poema de Atrahasis:

Ea abriu a boca e disse aos deuses, seus irmãos: «De que podemos nós acusá-los? O trabalho deles é pesado, e longa a sua desventura; cada dia eles cavam a terra, grave é a sua lamentação. Mas há talvez um remédio para os seus males: Belet-ili, a Geradora está ali. Que ela crie um ser humano, o Homem, a fim de que suporte o jugo e liberte dele os deuses». Chamaram e interrogaram a deusa, a parteira dos deuses, a sábia Mami: «És tu, ó Geradora, que serás a criadora da humanidade, criando o ser humano, para que ele suporte o jugo da função imposta por Enlil, para que o homem assuma o duro trabalho do deus». Nintu abriu a boca e disse aos grandes deuses: «Não é a mim que pertence fazê-lo; essa função pertence a Enki (ou seja Ea), é ele que purifica todas as coisas: Que me dê a argila, a fim de que eu me ponha à obra». Ea abriu a boca e disse aos grandes deuses: «O primeiro, o sétimo e o décimo quinto dia do mês, eu prepararei como purificação um banho. Que alguém corte o pescoço a um deus e que os outros deuses, mergulhando-se lá, sejam purificados. Com a carne e o sangue deste deus, que Nintu misture a argila a fim de que deus mesmo e o homem se encontrem mergulhados em conjunto na argila; que, nos tempos futuros, nós ouçamos o tamburim, que saído desta carne de deus seja um «espírito»; como vivo, que ele revele o homem por este sinal, para que não se obrigue. Que seja um «espírito». Sim! Responderam na assembleia os grandes Anunnanki, que administram os destinos. No primeiro, no sétimo e no décimo quinto dia do mês, Ea preparou um banho como purificação. Na sua assembleia, os deuses degolaram então Wê-deus que tinha inteligência. Com a sua carne e o seu sangue, Nintu misturou a argila. Na sequência dos tempos, eles ouviram o tamburim. Saído da carne do deus ele teve um «espírito» (...) Depois que Nintu amassou essa argila, ela chamou os grandes deuses Anunnaki, os grandes deuses Igigi que cuspiram sobre a argila. Então Mami abriu a boca e disse aos grandes deuses: Vós encarregastes-me duma função: acabei-a. Vós degolastes um deus com a sua inteligência. Eu suprimi a vossa tarefa tão penosa, e o vosso trabalho foi ao homem que eu o impus. Vós transferistes as queixas para a humanidade: por vós eu desliguei o jugo, estabeleci a liberdade». Logo que os deuses ouviram o que ela dizia, acorreram em conjunto e beijaram-lhe os pés. Dantes, nós chamávamos-te Mami, que o teu nome seja agora soberana de todos os deuses! Entraram então na casa do destino o príncipe Ea e a sábia Mami (...). Doze centos de anos não tinham ainda passado (...) multiplicavam-se os povos. A terra dos homens mugia como um touro e o deus ficou perturbado com o alarido que eles faziam. Enlil ouviu o seu clamor e disse aos grandes deuses: Muito me custa o clamor da humanidade; pela gritaria que eles fazem, sou privado do sono. Que haja um flagelo que os faça calar» (Labat, 1970, pp. 26-36)

Ea é o deus dos acádios e Enki o mesmo deus para os sumérios. Surgem outras versões deste poema de Atrahasis nomeadamente assírias, com a introdução de outros elementos. No poema de Enuma Elish, as origens iniciam quando não havia céu nem terra e nos mares primordiais foram criados os deuses, Marduk o deus principal, criou o céu e a terra e encarregou Ea, seu pai, de criar a humanidade. (Tavares, 1978, pp. 46-47).

Na Bíblia

A primeira página do primeiro livro da Bíblia inicia a primeira parte ou a primeira versão do relato da criação, “No princípio, Deus criou o Céu e a Terra (...)” (Gn 1, 1) e pela voz de Deus surgiram todas as coisas boas. E mais adiante diz, “Então o senhor Deus modelou o homem com a argila do solo, soprou-lhe nas narinas, e o homem tornou-se num ser vivente.” (Gn 2, 7).

Também para os monoteístas de Israel a necessidade de explicar o começo absoluto é patente. “A criação bíblica é uma maneira de pôr ordem num caos inicial; ela consiste em «ordenar» o totalmente desordenado, em pôr forma no «informe». “ (Renaud, 2012, p. 156).

Nestes pequenos excertos da Bíblia já vimos paralelismos com os mitos da criação da Mesopotâmia, paralelismos esses que continuam, pelo menos, até ao versículo 11. Atendendo ao contacto das comunidades hebraica e mesopotâmica não é de estranhar a intertextualidade ou os contactos literários entre a Bíblia e as epopeias mesopotâmicas.

Os Dilúvios

Como dissemos os dilúvios estão intrinsecamente ligados ao mito da criação. São um retorno ao caos, explicam a necessidade de recriação da humanidade, são narrativas que pretendem justificar o que de mal ia acontecendo por causa da transgressão dos homens, como castigo por essa capacidade humana de se insurgir contra a ordem universal divinamente estabelecida. E como essa transgressão é primordial, o castigo não tem função ética ou moral, é um recurso literário para explicar etimologicamente a atual ordem das coisas enquanto ordenação divina.

Nos poemas da Mesopotâmia

Foi nas cidades da Mesopotâmia que foram constituídas as primeiras grandes bibliotecas da humanidade. Para as placas de argila foram transcritos mitos e lendas que marcaram a história dos nossos antepassados.

Na epopeia de Atrahasis

Este poema foi escrito em cuneiforme em três tabuas que se encontram num museu britânico. Foi escrita pelos Sumérios.

Nesta narrativa o dilúvio acontece por os humanos fazerem muito barulho o que motivou a decisão dos deuses de os eliminar.

O deus Énlil envia uma praga e tenta matar a humanidade com fome e sede, mas o seu plano não resulta por intervenção de Atrahasis, ajudado pelo deus Enki, mais protetor da humanidade. Atrahasis mostra às pessoas como derrotar as investidas de Enlil – fazendo sacrifício aos deuses. Finalmente, Énlil propõe inundar o mundo e afogar a barulhenta humanidade. Desta vez, obriga todos os deuses a jurar lealdade a não avisarem Atrahasis, Enki consegue avisar Atrahasis sem tecnicamente quebrar o seu juramento: ele envia a mensagem para as paredes da casa de Atrahasis, onde Atrahasis não pode deixar de ouvir.

[O sonho de Atrahasis]

Atrahasis disse ao seu senhor: "Faça-me saber o significado do sonho. Deixe-me saber, para que eu possa olhar para a sua consequência." Enki disse ao seu servo: "Tu podes dizer: 'Tenho de olhar para fora, enquanto estou no quarto?' Presta atenção ao que digo: 'Parede, escuta-me! Parede, presta atenção a todas as minhas palavras! Foge da casa, constrói um barco, abandona posses, e salva a vida. O barco que construirás (...) Será igual (...) (...) Põe-lhe uma cobertura para que o sol não se veja lá dentro. Que seja coberto por cima, de frente e para trás. A construção deve ser forte, o betume deve ser firme, e assim dar a resistência ao barco. Atrahasis recebeu o comando. Ele reuniu anciãos no seu portão e disse: "Meu Deus não concorda com o vosso deus, Enki e Enlil estão constantemente irritados um com o outro. Eles nos expulsam da terra. Como desde sempre reverencio Enki, ele me contou isso. Eu não posso viver em (...) também não posso fixar meus pés na terra de Enlil. Eu vou morar com meu deus nas profundezas. Isso ele me disse: (...) "[Construção e Embarque na Arca] Os anciãos (...) O carpinteiro levou seu machado, o pedreiro levou sua pedra, o homem rico carregou o betume, o homem pobre trouxe os materiais necessários. [(...)] Trazendo (...) tudo o que ele tinha (...) Tudo o que ele tinha (...) animais puros que abatia, gado (...) animais gordos que ele matou. Ovelhas (...) ele escolheu e trouxe a bordo. Os pássaros voando no céu, o gado e o (...) do deus do gado, as criaturas da estepe, (...) ele trouxe a bordo (...) Ele convidou seu povo (...) Para uma festa (...) sua família foi trazida a bordo. Enquanto um estava comendo um outro estava bebendo, Ele entrou e saiu; ele não poderia sentar-se, não podia ajoelhar-se, pois tinha o coração quebrado, tinha náusea biliar. [O grande dilúvio] A perspectiva do clima mudou. [O deus tempestade] Adad começou a rugir nas nuvens, foi escutado o seu clamor. Ele trouxe betume para selar sua porta. No momento que aparafusava sua porta, Adad rugia nas nuvens. Ele (...) a terra e quebrou o seu clamor, como uma panela. (...) Veio o dilúvio diante. Seu poder veio sobre os povos como uma batalha, uma pessoa não via outra, não se reconheciam uns aos outros na catástrofe. O dilúvio desceu como um touro, O vento ressoou como uma águia gritando. A escuridão era densa,

o sol tinha ido embora, (...) Como moscas. O clamor do dilúvio. (...) Os deuses encontram-se com fome porque não existem agricultores e sacrifícios não são ofertados. Quando eles descobrem que Atrahasis sobreviveu, eles fazem um plano para certificar-se de que o ruído permanecerá dentro dos limites: Inventam o parto, a mortalidade infantil, e o celibato] [A humanidade punida] Enki disse a Nintu, a deusa parteira: "Tu, deusa do nascimento, criadora de destinos, estabelece a morte para todos os povos! (...) "Agora, então, que haja um terceiro tipo de mulher entre as pessoas, pois existe a mulher que gerou e a mulher que não tenha gerado. Haja também entre o povo a pasittu (demônio): deixá-lo roubar o bebê de colo que o gerou. E estabelecer sacerdotisas e altas sacerdotisas, deixá-las serem celibatárias, e assim reduzir o parto. (Mark, 2023).

Embora Énlil resolva o problema do barulho da humanidade, o dilúvio não é uma experiência positiva para os deuses. Privados de seus servos humanos, percebem, então, quanto estavam dependentes dos humanos. Por isso, providenciam o repovoamento do mundo, tomando, entretanto, medidas contra o crescimento desmedido da humanidade, como a mortalidade, e limites para a reprodução através da infertilidade das mulheres. Mortalidade e reprodução limitada são, portanto, condições necessárias para que os humanos possam viver em paz com os deuses na era pós-diluviana.

No épico de Gilgames

“Aquele que testemunhou o abismo...” (Parreira, 2017, p. 45), assim começa o poema escrito em doze tabuas de argila pelos babilônicos, com uma referência à narração da destruição da humanidade.

Gilgames filho de uma deusa e de um rei sumério de Uruk, dois terços deuses e um terço homem, reinou durante 126 anos, procurou a sabedoria, resgatou a memória de antes do Dilúvio, foi o construtor das muralhas de Uruk, subiu a escadaria e aproxima-se de Eanna (Casa do céu) nem rei nem homem o poderão imitar.

Gilgames é um rei mítico de Uruk a famosa cidade com muralhas fortíssimas. Pensa na sua própria existência e na morte. Ouviu falar de um famoso herói que tinha sobrevivido há morte do dilúvio, quer saber onde está o segredo dessa imortalidade e deixa Uruk percorre distâncias enormes à procura de Uta-napisti que lhe diz que está enganado que a imortalidade é para os Deuses. E a esposa diz-lhe onde está a planta da vida, no fundo do mar. Mas cansado de caminhar foi matar a sede na água fresca, pousou a planta e foi rouba por uma serpente que deixa a sua pele e desaparece para sempre, roubando o segredo da vida.

Uta- napisti relata o dilúvio na tábua XI,³

“Disse Uta-napisti, a ele, Gilgames:/ O que te revelo agora, Gilgames, são coisas ocultas,/ é um mistério dos deuses o que te vou contar./ A cidade de Surupapak – essa que conheces,/ posta nas margens do rio Eufrates – /era já antiga quando os deuses que a habitavam / inclinaram os corações a suscitar o Dilúvio./ Prosperou a terra, os homens multiplicaram-se./ O seu rumo igualou-se ao bramir dos bois selvagens./ Por causa do seu tumulto Enil perturbou-se./ Por causa do seu clamor, não conseguia dormir./ Reuniu Enil os deuses cimeiros, dizendo-lhes:/ O tumulto dos humanos tornou-se opressivo. / Por causa dele não consigo dormir. / (...) Ó homem de Surupuppak, filho de Ubar-tutu, / separa-te da terra, constrói uma arca! / renuncia a possessões, cuida de sobreviveres/ Constrói a arca, salva a tua vida! Faz embarcar a semente de tudo o que é vivo! / da arca que vieres a construir, / sejam as dimensões proporcionais: / largura e comprimento deverão equivaler-se. / Tal como a abóboda recobre Apsu, assim lhe darás um teto. / Isto escutei eu – e respondi a EA, meu senhor: / Às tuas palavras, senhor, prestarei atenção; / segundo o ordenaste, assim procederei. / Porém, que direi à cidade, às gentes, aos patriarcas? / Ea abriu a boca para falar / e disse-me, a mim, seu servidor: / Na ocasião falarás deste modo: / tenho por certo que Enlil me é adverso! / Não posso por isso habitar entre vós! / não ousou permanecer em solo de Enlil as suas mercês: / abundância de pássaros e profusão de peixes! / [o país conhecerá] o tempo das fartas colheitas! / sobre vós, pela manhã, há-de chover pão ázimo, / e, pela tarde, torrentes de trigo! (...) ao quinto dia estava pronto o cavername, / cuja area orçava a um acre; a dez varas subiam os costados, / e com dez varas cada igualavam-se os bordos. / (...) com tudo o que possuía carreguei a arca: / Fiz subia a bordo a família e parentela / os animais do campo, as criaturas selvagens do ermo mestres e artesãos de cada ofício. (...) Aos primeiros fulgores da madrugada, / uma nuvem negra elevou-se no horizonte: / no seu bojo, Adad relampejava sem cessar. / Sullat e Hanis, carregando-lhe o trono, / precediam-no pelas montanhas e planícies. / Erragal arrancou os postes de amarração, / Ninurta, ao passar, fez transbordar as represas. / Os Anunnaki atearam archotes lá do alto / e abrasaram a terra com os seus clarões. / o deus da tempestade lacerou o céu com as suas garras / e voltou em negrume o que havia sido luz. (...) por fim abateu-se o Dilúvio. / Aos próprios deuses aterrorizou o Dilúvio. / A deusa brandou como a mulher que dá à luz, / Belet-ili, cuja voz é tão doce, gemeu: / Os dias antigos mudaram-se em argila porque eu, na assembleia dos deuses, consenti na calamidade e conclamar uma guerra para destruir o meu povo, quando eu mesma os dei à luz? (...) durante seis dias e sete noites uivaram os ventos; as chuvadas os vendavais, o Dilúvio – devastaram a terra. (...) a humanidade fora reduzida a argila. (...) Inspeccionei as extensões, procurei litorais (...) no Monte Nimus a arca tocou terra; o monte Nimus travou a arca, impedindo-a de se mover (...) Ao sétimo dia – peguei numa pomba e larguei-a. / voou a pomba, mas tornou depois. / Posto que não encontrou poiso, regressou. / peguei numa andorinha e larguei-a. / Voou a andorinha, mas tornou depois. / Posto que não encontrou poiso, regressou. / Peguei num corvo e larguei-o. / voou, viu que baixavam as águas, encontrou alimento, debicou, crocitou, não tornou. / Larguei aos quatro lentos o que tinha dentro de

³ Transcrevemos a tradução de Francisco Luís Parreira.

portas – e sacrifiquei. Derramei uma libação no cimo da montanha; / sete e sete vasilhas culturais dispus ordenadamente: / sobre os seus tripodes empilhei caniço, cedro e Mistilo. / Os deuses aspiraram as fragâncias, os deuses apinharam-se como moscas em torno do oficiante.” (Parreira, 2017, pp. 143-148).

Na Bíblia

Como não podia deixar de ser, a narrativa do dilúvio encontra-se no livro que trata a criação, isto é, ao longo do Génesis.

O senhor viu que a maldade do homem crescia na terra e que todo o projeto do coração humano era sempre mau. Então o senhor arrependeu-se de de ter feito o homem sobre a terra e o seu coração ficou magoado. E o senhor disse: ‘vou exterminar da face da Terra os homens que criei, juntamente com os animais os répteis e as aves do céu, porque Me arrependo de os ter feito. (Gn 6; 5-8).

A restante narração sobre o dilúvio insere-se na história de Noé:

O justo preserva a vida,

Noé era um homem justo, íntegro entre os seus contemporâneos e andava com Deus.” (Gn. 6; 9) Então Deus disse a Noé: ‘Para mim chegou o fim de todos os homens porque a Terra está cheia de violência por causa deles. Vou destruí-los juntamente com a Terra. Constrói para ti uma arca de madeira resinosa; divide-a em compartimentos, e calafeta-a com betume por fora. A arca deverá ter as seguintes dimensões: cento e cinquenta metros com arremate. Faz a entrada pelo lado; e faz a arca em três andares sobrepostos. Eu vou mandar o dilúvio sobre a terra, para exterminar para exterminar todo o ser vivo que respira debaixo do céu: tudo o que há na Terra vai perecer. Mas contigo vou estabelecer a minha aliança e entrarás na arca com a tua mulher, os teus filhos e as mulheres dos teus filhos. Toma um casal de cada ser vivo, isto é, macho e fêmea, e coloca-os na arca, para que conservem a vida juntamente contigo.” (Gn. 6; 13-19); “Quanto a ti, junta e armazena todo o tipo de alimentos, isso vai servir de alimento para ti e para eles. (Gn. 6; 21).

O retorno ao caos,

Depois de sete dias, veio o dilúvio sobre a terra. Noé tinha seiscentos anos quando se romperam as fontes do oceano e se abriram as comportas do céu. (...) e a chuva caiu durante quarenta dias e quarenta noites. “(Gn. 7; 10 – 12). (...) morreu então tudo o que tinha sopro de vida nas narinas, isto é, tudo o que estava em terra firme. (Gn. 7; 22).

A nova criação,

No fim de quarenta dias, Noé abriu a claraboia que tinha feito na arca, e soltou um corvo, que ia e vinha, esperando que as águas secassem sobre a terra. Então Noé soltou uma pomba que estava com ele para se as águas tinham secado sobre a terra. Ora, a pomba não encontrando lugar para pousar voltou para Noé na arca, porque havia água sobre toda a superfície da terra. (...) Esperou mais sete dias, e soltou de novo a pomba para fora da arca. Ao entardecer a pomba voltou para junto de Noé, trazendo no bico um rebento novo de oliveira. Noé esperou mais sete dias, e soltou novamente a pomba que não voltou mais.” (Gn. 8; 6-12) (...) “Noé construiu um altar ao Senhor, tomou animais e aves de toda a espécie pura e ofereceu holocaustos sobre o altar. O senhor aspirou o perfume e disse consigo: «Nunca mais amaldiçoarei a Terra por causa do homem (...)»” (Gn 8; 21).

Deus garante a vida,

Deus disse a Noé e a seus filhos: «Eu estabeleço a minha aliança convosco e com os vossos descendentes, e com todos os animais que vos acompanham. (...) Estabeleço a minha aliança convosco; de tudo o que existe, nada mais será destruído pelas águas do dilúvio e nunca mais haverá dilúvio para devastar a Terra.» (Gn. 9; 8-11).

Estas narrativas são a receção de um mito?

Os relatos baseiam-se na antítese entre a retidão e a maldade da humanidade. A causa do Dilúvio está na maldade ou corrupção da humanidade e num equivalente paradigmático no barulho feito pelos humanos que impedia Enlil de dormir. Entendemos que maldade e barulho são equivalentes paradigmáticos, já que ambos são censurados por destruírem o equilíbrio e a ordem divina.

Enki (para os Sumérios) ou Ea (para os babilónicos) e o Deus dos hebreus mostram uma atitude ambivalente: são o instrumento da destruição da humanidade por um lado e por outro, são os protetores da humanidade ordenando a construção da arca.

Enquanto Noé obedece cegamente à ordem divina, Atrahasis e Uta-napsiti expressam a sua preocupação pela humanidade. Ea ou Enki levam Uta-napisti e Atrahasis a informarem os homens de que eles não são bem-vindos na terra de Enlil e por isso vão viver para as terras do seu deus, mas que Enlil os protegerá fazendo sobre eles cair abundância.

A ordem de construção da arca é detalhada e é quase coincidente nas três narrativas sob escopo.

No poema dos sumérios embarcam na arca homens das várias artes e animais das várias espécies. Para os babilônicos e hebreus embarcaram as suas famílias, parentela e casais de animais de todas as espécies, bem como alimento para todos.

Nas três narrativas foi deus quem fechou a porta da arca. Nos poemas da mesopotâmia foi o deus da tempestade Adad.

O Dilúvio vem depois da escuridão que nas três narrativas. Há alternância dos períodos de sete dias que dura o dilúvio para uns e para outros é o período em que os habitantes da arca esperam pelo dilúvio. O dilúvio destrói qualquer sopro de vida na terra e o mundo volta para o caos, para a desordem, para os primórdios da criação onde tudo era argila.

Com a descida das águas, que remete também para a descrição da criação, a arca embate num monte em duas das narrativas e descrevem o inverso dos fatores que o causaram. As descrições para a preparação do desembarque recorrem a aves: o corvo, a pomba e uma andorinha.

Ao desembarcar Noé oferece holocaustos e o Senhor aspirou o seu perfume. Este antropomorfismo apresenta equivalente na narrativa da Babilônia onde Uta-napsiti faz sacrifícios e oferece libação, os deuses aspiram as fragâncias e apinham-se como moscas em torno do oficiante.

Há um arrependimento divino e a promessa de não voltar a destruir a humanidade. Em Atrahasis os deuses, porque sem a humanidade passam fome, resolveram enviar meio de controlo demográfico; na epopeia de Gilgames Ea recrimina Enlil por ter provocado a destruição e relembra-o de que poderia ter diminuído a população humana de muitas formas. Enlil consagrou Uta-napisiti e à sua mulher ornando-os imortais; o Senhor fez com Noé o pacto de não voltar a destruir a humanidade através da água.

CONCLUSÃO

Pelo que aqui deixamos podemos dizer que o núcleo destas histórias é o mesmo, e atendendo à proximidade destes povos e a indubitável convivência intergeracional entendemos que as três obras sob escopo são a transcrição do mesmo mito da criação de tradição oral que foram adaptados aos costumes e tradições das diversas comunidades. Se assim não se entender, terá de se admitir que pelos menos existe intertextualidade nas três narrativas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

A Bíblia Sagrada. (1993). Lisboa: Paulus Editora.

Duch, L. (1998). *Mito, interpretación y cultura*. Barcelona: Herder.

Labat, R. (1970). *Les Religions Du Proche-Orient*. Paris.

Mark, J. J. (17 de janeiro de 2023). *A Epopeia de Atrahasis: o grande dilúvio e o significado do Sofrimento*. Obtido de World History Encyclopedia: A Epopeia de Atrahasis: o grande dilúvio e o significado do Sofrimento

Parreira, F. L. (2017). *Épico de Gilgamesh*. Porto: Assírio & Alvim.

Renaud, M. (2012). A interpretação da criação segundo Paul Ricoeur. *DiDASKALIA - Revista da Faculdade de Teologia*, pp. 151-172.

Silva, P. (2008). *As maiores civilizações da história*. São Paulo: Universo dos Livros.

Tavares, A. A. (1978). Criação do homem nos mitos das origens. *DIDASKALIA - Revista da Faculdade de Teologia*, pp. 35-53.

Vaz, A. d. (2007). No princípio da Bíblia está o mito. *Didaskalia - Revista da Faculdade de Teologia*, pp. 45-73.